

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## UMA SESSÃO ACADÉMICA EM GUIMARÃES, EM 1776.

BARREIROS, José Baptista

Ano: 1955 | Número: 65

---

### Como citar este documento:

BARREIROS, José Baptista, Uma Sessão Académica em Guimarães, em 1776. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jun. 1955, p. 96-132.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Uma Sessão Académica em Guimarães, em 1776

(Cont. do vol. LXIV, pág. 298)

PELO CORONEL JOSÉ BAPTISTA BARREIROS

---

## SESSÃO ACADÉMICA

Que a triste notícia da moléstia de S. Mag.<sup>de</sup> impediu o recitar-se em aplauso dos felicíssimos desposórios do Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. José Francisco Daun, com a Il.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Francisca da Silveira e da mercê que S. Mag.<sup>de</sup> lhe fez do Condado da Redinha.

Destinada a celebrar-se em 24 de Nov.<sup>o</sup> de 1776 na vila de Guimarães em casa de Francisco Joaquim Moreira de Sá, Secretário da mesma Academia.

Dedicada pelo referido Secretário ao Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Luís de Saldanha de Oliveira no seguinte Soneto:

Ergue-se nas auríferas areias  
Que beija o Celho ondoso, concertado  
Canto, aplaudindo o Himeneu Sagrado,  
De que tu Lusitânia te glorieias;

E a ti Saldanha Ilustre, em cujas veias  
Gira um sangue de mil Heróis herdado  
Protecção pede a ti Espírito honrado  
Que em proteger engenhos te recreias:

Faze que Daun conheça o bem seguro,  
Sincero, ardente amor, de que é nascido,  
Das manchas da lisonja limpo e puro;

Salvas do esquecimento denegrido  
Tuas grandes virtudes, ao Futuro  
Levará nosso canto agradecido.

*Assuntos. Problema:* Qual interessa mais, na presente ocasião, à glória da Nação Portuguesa: se o ver premiada uma parte dos importantíssimos serviços do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Marquês de Pombal, dando el-rei a seu filho, o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. José Francisco Daun o título de Conde da Redinha; se o casamento deste com a II.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Francisca da Silveira, que promete últimamente às nossas esperanças uma mais ampla descendência daquele grande herói?

*Assunto livre:* Celebrar os desposórios do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde da Redinha e a mercê com que S. Mag.<sup>de</sup> o honrou.

*Assunto ligado para soneto oitava rima:*

Hoje os laços de amor a glória tece.

*Quadra:* Digna esposa amor te entrega;  
Dá-te o rei título honroso;  
O rei e amor competiram  
Nos seus dons, feliz esposo!

*Oração do Presidente, José de S. Bernardino Botelho, reitor de Celeirós:*

A sorte está lançada e eu tenho a glória, illustres sábios, respeitáveis académicos, de ser neste dia o primeiro intérprete dos nossos corações. A pública alegria, o júbilo, o alvoroço que nos cerca, que nos penetra e passa das nossas almas sobre os nossos semblantes, será bastante para persuadir e convencer que não estamos cegos com o esplendor alheio, que não é a lisonja, que não é a fortuna prodigiosa e accidental dum concidadão a que nos impõe, a que nos une e a que nos transporta, mas o bem público, o interesse da Nação, a causa comum, a nossa própria glória; eis aqui a fonte do nosso prazer, eis aqui os laços que nos ligam, eis aqui o Numen que presentemente nos inspira.

Vemos felizmente abrir-se aos nossos olhos o rico e vastíssimo tesouro das gerações futuras, vemos reverdecer, brotar e florescer com dobradas forças uma árvore abençoada que nos tem produzido tão abundantes e especiosos frutos de esplendor e de felicidade, vemos estender e multiplicar os ramos,

os sucessos duma virtuosa família, a quem, depois de Deus e do rei, devemos neste século todas as vantagens; e vemos, ao mesmo tempo, com gosto e satisfação do nosso agradecimento, um monarca sensível, justo, que tem examinado, que tem observado, que tem visto de tão perto a fidelidade, a vigilância, a intrepidez, a inteireza, o génio inalterável, constantíssimo, incansável, do seu ministro, o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Sebastião José de Carvalho, Marquês de Pombal, premiando uma parte dos seus merecimentos e distinguindo o seu filho segundo, o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. José Francisco Daun, com o novo título de Conde da Redinha.

Estes grandes motivos superabundam para os nossos votos, agitam e levam os nossos pensamentos e acordam na nossa alma as virtudes patrióticas que nos fazem interessar (como os membros nas vantagens e perfeições da cabeça, de que dependem) na gratidão do rei e no esplendor dum tal vassalo e que nos ensinarão a immortalizar agora em nossos discursos este novo monumento, esta nova época da esperança e da glória portuguesa.

A gratidão é natural a todos os entes que sentem e discorrem; nasce conosco e é, sem dúvida, a primeira cláusula do pequeno código que a mão eterna estampou, com indeléveis caracteres, em nossos corações. Por mais que se enfureça o fogo das paixões, pode o seu negro fumo, podem os seus malignos e pestíferos vapores turbar e escurecer o recto exercício da nossa razão; mas não tem forças para consumir e devorar inteiramente este fundamental e primeiro sentimento de nossa alma; podem os vícios, pode a traição, a avareza, a inveja, a ambição, a intriga, o orgulho, podem estes filhos impuros e abortivos do amor próprio sufocar e suprimir os efeitos sensíveis do agradecimento; mas nenhum destes monstros suspenderá jámais as acusações e os gritos interiores dos remorsos; e a nossa consciência será, em todo o tempo, testemunha fiel e inviolável de que a nossa transgressão não derogou a Lei, que a reprova e condena tão severamente. Esta propensão natural e primitiva, esta lei geral e interior, que nos manda ser gratos, fez que o uso e o abuso

deificasse nos tempos antigos os benfeitores da Humanidade, os seus Hércules, os seus Orfeus, os seus Izis, todos os seus Heróis; esta erigiu no Areópago de Atenas altares a Solon, no Capitólio de Roma aos Horácios, aos Catões, aos Gracos e aos Cipiões e sugeriu até aos nossos dias a generosa ideia de ressuscitar os grandes homens, de os imortalizar ou de fazer, ao menos, que a sua memória seja tão durável como os seus benefícios. Esta correspondência tão justa, tão louvável e tão necessária foi, se me não engano, no pacto social a sábia fundadora das relações mútuas de regalias e deveres; foi a que distinguiu as famílias dos varões sublimes e julgou indecente que os sucessores do seu nome, do seu sangue e do seu próprio ser, instruídos nas suas máximas, educados e embebidos nos seus costumes e nas suas grandes e generosas qualidades, não fossem ao mesmo tempo as vivas imagens da sua glória; e quis que os respeitássemos, que lhes devêssemos constantemente um culto civil digno do benfeitor que nos representam e conveniente, numa palavra, à nossa gratidão, ao público interesse e à sua ilustre e abençoada memória.

Eis aqui as circunstâncias em que nos achamos, illustres académicos; em que se vê presentemente a Nação portuguesa, que deve falar hoje pelos nossos discursos.

As distinções, as honras, todos os tributos de obséquio e de respeito que outras vezes têm sido demonstrações insuficientes do nosso amor e reconhecimento para o ministro das nossas prosperidades, o nosso benfeitor, o Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Marquês de Pombal, ainda não bastaram para desafogar e satisfazer plenamente os nossos desejos, ainda não tinham até agora a eficácia necessária para convencer inteiramente o mundo presente e futuro. Nesta ocasião é que o nosso prazer, as nossas reclamações e o público alvoroço tiram toda a dúvida, todo o equívoco, dissipa inteiramente todas as sombras, todas as névoas, todos os vapores venenosos com que a lembrança sediciosa dum temor falso, dum interesse sórdido, duma lisonja impostora que poderiam confundir nas línguas bipartidas da calúnia e da maledicência as Luzes puras e brilhantes da glória deste Herói.

Todos vos amamos, todos vos respeitamos, todos conhecemos as obrigações recíprocas da nossa gratidão, as grandes vantagens que nos tendes procurado, ó Marquês admirável! Mas conheci de todo nossos corações; este amor e respeito não é privativo para vós, é transcendente a toda a vossa Família, enlaça a nossa e a vossa Posteridade e fará conhecer aos séculos vindouros que não trabalhastes por ingratos. Sim, ó sábios e ilustres Académicos, o amor da Pátria é o Numen que vos une, que recebe neste dia os vossos puros incensos e que fará de tantas vozes uma só voz de júbilo, de esperança e de louvor unânime e sincero. As vossas almas estão nos vossos rostos e os vossos discursos serão fiéis intérpretes dos vossos corações. O nome de Carvalho, nome sublime, que já está escrito no templo da immortalidade, com que amor e respeito, com que admiração virtuosa será ouvido pelas gerações futuras! Este grande nome falará, sem dúvida, aos séculos mais remotos; e que imensas vantagens nacionais, que inumeráveis benefícios lhes fará lembrar! Os povos instruídos pelas tradições paternas, confessarão em altas vozes — é este a quem devemos a boa ordem, a abundância e tranquilidade —. Os nossos monarcas sobre um trono firme e desassombrado de inimigos domésticos, acharão em toda a parte testemunhas autênticas da vigilância, da eficácia, da constância inalterável, dos serviços importantes deste fiel Ministro. Se este não existira, dirão eles, se a Providência o não puzera ao lado no nosso mortal antecessor D. José I, se este grande Rei o não tivera para seu Ministro e instrumento venturoso dos seus importantes e ilustres projectos, a nossa legislação seria, talvez, hoje um agregado informe, sujeito à discussão, ao erro, às paixões sinistras de intérpretes confusos, arbitrários e interessados; a nossa marinha aniquilada teria apenas nome sem objecto; as nossas fronteiras arruinadas e irregulares seriam incapazes de defesa e resistência; as nossas tropas sem armas e sem disciplina excitariam o orgulho e a ousadia dos nossos inimigos; a Nação consternada, quase sem artistas, sem agricultura e sem comércio, mendigaria o pão e o vestido aos povos

estrangeiros; as Artes, as Ciências, desprezadas e confusas, cobririam de sombras e de fábulas os conhecimentos mais úteis e indispensáveis e não teriam formado os sábios que nos cercam, que dirigem a Plebe e que fazem triunfar as luzes da razão e da equidade em nossos próprios conselhos; a Santa Religião, misturada e confundida com abusos e superstições quiméricas, pareceria aos olhos dos inimigos, ou superficiais, menos pura, menos santa, e menos infalível. A sua actividade fez sair dos fundamentos uma cidade bela, magnífica, decente, ornada e regular, em que habitássemos com esplendor e glória; a sua presença de espirito, as suas providências e recursos inexauríveis souberam tirar sempre o mel dos espinhos, a grandeza até das mesmas ruínas e dos sucessos mais tristes e impensados as maiores vantagens e prosperidades; a sua economia, o seu zelo, a sua lealdade, fortalecida com razões sólidas e experiências diuturnas, restabeleceu a boa ordem na administração e arrecadação do tesouro público, secou e estancou os canais imundos em que se perdia uma grande parte do sangue da Nação e fez correr e circular inteiro e puro o rio da abundância; ele, finalmente, trabalhou sem fraqueza, consagrou-se todo ao rei e ao povo, amou apaixonadamente a tranquilidade e a paz; mas, se esta fosse incompatível com os interesses e honra da Nação, sempre estava pronto para a conservar ilesa, respeitável e fazer subir ao carro do triunfo a glória do monarca. Assim pensaria dele a posteridade, ilustres Académicos; mas, lendo ao mesmo tempo em vossos eloquentes e sábios escritos as provas mais autênticas do nosso reconhecimento, confessará também, com glória nossa, que não fomos insensíveis aos seus benefícios e não passaram as nossas cinzas e a nossa memória pela vergonhosa injúria de sermos comparados aos povos ingratos de Colbert e de Suly. Dirão que teve um rei que testemunhou e conheceu bem o seu zelo, a sua firmeza intrépida e todas as suas virtudes patrióticas, que o considerava o seu braço direito em todos os seus imortais e valiosíssimos projectos, que o amava ternamente, que se desejava mostrar justo nas suas recompensas, mas

que, combinando com equidade os prêmios possíveis com os merecimentos de Carvalho e não achando sombras de proporção, exalta e condecora seu filho segundo com o título de Conde da Redinha e desta sorte lisonjela e interessa por um novo modo a sensibilidade e a glória de seu digno pai. Dirão que os grandes, que as famílias, os descendentes, o sangue dos heróis fundadores, os conservadores da Pátria, acorriam ansiosamente a enlaçar-se com ele, renovavam em Carvalho forte e incorruptível as suas árvores genealógicas e confiavam desta sorte que brotariam vigorosamente a mais virtuosa, florescente e generosa posteridade. Dirão que os Meneses, os Sampaios, os Saldanhas, os Vilhenas e agora os herdeiros dos GiralDOS, dos Álvares Pereiras e de tantos heróis, os Il.<sup>mos</sup> Silveiras, tiveram por fortuna ser até ao fim dos séculos a mesma família de Daun e de Carvalho; e dirão também, para glória nossa, que ainda lhes restam testemunhas do nosso alvoroço e que, à maneira de lavradores prudentes que transplantam, que enxertam e multiplicam no seu campo aquela árvore que lhes costuma produzir frutos mais perfeitos e sazonados, vimos com alegria transplantar por tantas vias à posteridade esta árvore fecunda e abençoada, de cujas sucessões recolherão, sem dúvida, os nossos vindouros frutos copiosos de protecção e prosperidade.

Sim, doutos e ilustres académicos, nós estamos instruídos pelos sucessos e pela natureza que as Águias sempre geram Águias e que os Carvalhos, até ao fim dos tempos, produzirão Carvalhos. Já o temos visto no Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Oeiras, na rectidão, na boa ordem, na vigilância e zelo com que administra e rege o Senado respeitável de Lisboa, na virtuosa e constante emulação com que já imita e segue de tão perto o seu feliz modelo. Já o vamos vendo no Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Francisco Daun, 1.<sup>o</sup> Conde da Redinha, na probidade, na benevolência, no agrado, na equidade, nas propensões nascentes para todas as virtudes militares e civis. Dá-lhe o céu agora uma digna esposa na Il.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Francisca da Silveira, em quem a formosura do corpo, as graças exteriores e

naturais anunciam e affiançam as perfeições do espírito que verificam nela as generosas e excelentes qualidades que lhe cabem por herança de seus antepassados e gloriosos ascendentes.

Grandes, agradáveis e verosímeis promessas te fazemos hoje, ó Pátria venturosa, das suas successões! Mostra-te o futuro um brilhante e vastíssimo teatro de magistrados prudentes e incorruptíveis, de Pais da Nação, de Capitães e Chefes esforçados e magnânimos; cultiva com disvelo, prepara os teus louros para os coroar.

Ajunta-nos, entretanto, o génio tutelar da Nação portugueza na muito antiga, leal e gloriosa vila de Guimarães, berço venturoso e augustíssimo do nosso primeiro monarca. Aqui, à vista das mesmas paredes que o abrigaram e que testemunham ainda hoje as suas acções imortais e os fundamentos sólidos e primitivos, que lançou ao reino, publicaremos em altas vozes que se os céus lhe deram para esta grande obra um Egas Moniz Coelho, deram também agora ao seu 19.º neto, que felizmente nos governa, um descendente digno do sangue e das virtudes patrióticas daquele herói sublime, para enriquecer, ornar e fortalecer de novo a sua fundação.

A vossa actividade, o vosso zelo pátrio, o vosso amor da virtude ó muito douto e illustre secretário, convoca os operários para levantarem um templo de glória à generosa família deste herói, a qual presentemente com os olhos perspicazes da mais bem fundada esperança vemos crescer e propagar para se multiplicarem nela os objectos do nosso amor e as raízes fecundas da prosperidade da Nação. Elegestes, senhores, as minhas mãos grosseiras e sem arte para lhe lançar os alicerces; vão toscos e sem ordem; mas escolhei, ao menos, materiais duráveis, sólidos e incorruptíveis: erigi sobre eles, illustres e sábios Problemáticos, as duas colunas que devem sustentar o peso do edificio; examinaí e descobri as forças prodigiosas de cada uma delas, enquanto ambas concorrem para a segurança e duração da máquina e enquanto as Musas e os seus delicados, distintíssimos Alunos preparam os ornamentos, os festões de flores para a decorar.

Conhecereis, ó Família respeitável do nosso Herói, vós, felizes e generosos esposos em quem o amor e glória obram mil prodígios, conhecereis em nós os mais vivos e sinceros desejos de ser uns dignos e verdadeiros órgãos dos sentimentos da Nação.

Conserva-se na China com esplendor e glória, há mais de 2.000 anos, a família virtuosa do grande Confúcio; os portugueses não cedem àquele povo no reconhecimento e lealdade com os seus heróis e será entre nós a distintíssima família do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal, em todo o tempo, sagrada e respeitável. Se a Religião não pusesse limites aos desafogos públicos do nosso amor e da nossa gratidão, não duvidem os séculos e as nações existentes e futuras que teria de nós Apoteoses e altares.

Estâncias irregulares, destinadas para abrir a Academia, pelo Secretário dela, Francisco Joaquim Moreira de Sá:

Ó Sábio presidente  
 Noutros tempos Caliope mostrou  
 Que aos peitos te criou;  
 A fecunda Polimnia docemente  
 Soube, soube educar-te;  
 Deu-te engenho, deu-te arte  
 Para de Daun as núpcias celebrares.  
 Órgão da Fama, a tua voz os ares  
 Rompe: Zomba do tempo, que atropela,  
 E entre musas coroadas de mil louros  
 Preside e vai soar  
 Nos apartados séculos vindouros.

Ilustres Problemáticos eu vejo  
 Os vossos grandes génios profundarem  
 Os nossos corações e balançarem  
 No templo da Memória  
 As causas, as razões da nossa glória,  
 Os sofismas, as vagas subtilezas  
 Bastardos na Rasão do Bom sentido,  
 Longe de Vós gateiam;  
 A arte, as delicadezas  
 Do vosso belo estilo nos recreiam  
 Lá vemos q'a verdade só buscais;  
 Por ela contendeis;  
 São úteis vossos fins e são iguais,  
 Ó génios imortais!  
 Ó vosso nome honrai  
 O universo ilustrai.

E vós, sábios alunos, que adornados  
De sacros, verdes louros  
Cantais os deuses e os heróis honrados,  
As musas Vos franqueiam seus tesouros;  
Celebrai o monarca generoso,  
Que o mérito premeia  
É o himeneu ditoso  
Que as nossas esperanças lisonjeia.  
O divina Urania  
Eu escuto a suave melodia  
Da tua voz canora;  
Acende, ó Himeneu a ardente chama;  
De Pombal seja eterna a descendência,  
Como há-de ser a fama:  
De tantas ditas o enche o céu sob'rano  
Quantas lhe deve o reino lusitano.

### *Discurso*

*Em que se defende a primeira parte do Problema,  
por António Martinho da Silva Queirós, Desembargador  
da Relação de Braga:*

Não é a abominável adulação, essa pérfida filha da titubeante e malévola mentira, costumada, sòmente, ou a lançar grosseiros véus para encobrir defeitos ou a semear agrestes flores para ornar e engrandecer medíocres acções, a que me conduz hoje a falar na vossa sábia e respeitável presença, ilustres Académicos. É, sim, a glória da Nação e o amor da Pátria quem com a sua poderosa mão me guia pelo caminho da verdade, afastando longe de mim quanto a pode profanar. Sim, Senhores, o amor da Pátria, que faz transbordar os corações dos portugueses de prazer e glória entre as duas acções de ver premiada por um rei justo e sensível parte dos merecimentos do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal, dando a seu filho segundo, o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Francisco Daun, o título de Conde da Redinha e ver completo o consórcio deste com a II.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>ra</sup> D. Francisca da Silveira, que promete últimamente às nossas esperanças posteridade mais ampla e dilatada daquele grande herói; e o mesmo que me move a proferir resulta maior glória e prazer à nação portuguesa, vendo premiada parte dos merecimentos daquele grande progenitor, em o seu digno

filho, que do esclarecido consórcio deste e esperanças de mais ampla posteridade dum tão inimitável herói.

Nada há, senhores, que faça uma nação mais grande e ilustre que o amor da Pátria, a fidelidade ao rei e o zelo do seu serviço. Este é o centro onde se unem todos os indivíduos. Qualquer causa da Pátria para eles é comum. As acções distintas dum cidadão, obradas em benefício do Estado, honram aos demais e todos tem interesse e direito ao seu elogio, prazer e glória em ver premiados seus merecimentos. E que Nação como a portuguesa, possui em grau tão superior estas raras qualidades? Que cidadão e compatriota tem obrado pelo amor da Pátria acções mais esclarecidas e adquirido por elas o amor dos nacionais que o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal? A mesma Nação agradecida o confessa e os estranhos absortos e admirados o publicam. Vós sabeis que as Artes e Ciências, que à maneira do louro sol iluminam e ilustram as Nações, eram, umas, desconhecidas em Portugal, outras, adulteradas e se distribuíam pelas mãos duns homens corrompidos e orgulhosos que, despidos do amor da Pátria, e levados só do próprio e duma cega ambição, pretendiam ou perdê-la, ou pôr-lhe o intolerável freio da ignorância e escravidão. O templo de Astrea era ocupado de péssimos intérpretes das santas e paternais leis que com abuso delas, em prejuizo dos povos, as desfiguravam, torciam e mutilavam. A disciplina militar, que contém em respeito os estados e tanto nela os nossos se assinalaram, parece estava banida dentre nós. O comércio, que sustenta e enriquece o país, se via tão decadente, que apenas se conservava em Portugal o seu nome. Numa palavra, a ignorância, o orgulho, a ambição e a intriga só tinham tomado forças e lançado raízes. Mas que feliz época, Senhores, em que triunfa a razão, se me apresenta aos olhos! As Artes, Ciências, e a Justiça, não com passos lentos, mas apressados, fazem fugir do nosso país a ignorância, a sublevação e renascer as Leis. Um augustíssimo monarca sobe ao trono; lança mão dum herói que vê cercado de Minerva, Astrea, Palas e Apolo e de

todas as virtudes, daquelas virtudes capazes de se encostarem ao trono; para dizer tudo numa vez, lança mão do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal, que a do Omnipotente por benefício nosso escolhera para os seus dias. Tudo toma nova fase. A sedição, o insolente e detestável monstro da sedição, a ignorância, o orgulho, o cativo e a cobiça, pela sua sábia mão se dissipam, se arrancam, se destroem e por uma vez se desterram. Os povos respiram alegres. As cidades se renovam, embelezam e erigem ao seu rei e ao seu benfeitor eternos padrões em sua memória e reconhecimento do seu amor. As artes mecânicas e liberais entram no reino e se pulem. A Atenas portuguesa renasce. O comércio se anima, as naus, carregadas dos nossos próprios países, com inveja dos estranhos, fazem gemer os empolados mares e nos enriquecem. A milícia, mais que nunca aumentada, faz temer e respeitar o Estado, sem oprimir os povos com a sua costumada liberdade.

O Gamas, Carvalhos, Melos, Albuquerque e Castros! Ilustres e insígnos varões portugueses que soubestes coroar-vos dos ensanguentados louros das batalhas e a Pátria das palmas das conseguidas vitórias, que glória e prazer seria o vosso se vivesseis no nosso século e visseis a tropa portuguesa! E vós, Camões, Bernardes, Côrte Reais, Mirandas e Ferreiras! se pudesseis levantar-vos dos sepulcros, em que jazeis, ornadas pelas mãos das musas as vossas honrosas cabeças, que versos não cantaríeis a um filho de Minerva, a um irmão das musas, a um herói que tem feito acções mais dignas que quantas cantastes! Eis aqui, Senhores, porque o rei sábio, sensível e justo, passa a premiar, com o novo título de Conde da Redinha ao II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Francisco Daun, parte dos merecimentos e altos serviços que seu Pai, o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal, tem feito à Pátria. Eis aqui também porque a Nação portuguesa, tocada de amor da mesma Pátria e do reconhecimento da multidão inumerável de benefícios recebidos, maravilhada da honra e imortal nome que lhe adquiriram as esclarecidas acções deste grande herói, exulta em sua glória e prazer mais excessivo que o de esperar na descen-

dência de seu II.<sup>mo</sup> Filho uma sucessiva prole de heróis. Eu não pretendo roubar ou escurecer a glória que resulta à Nação portuguesa da esperança de ver dilatada a sucessão deste herói; ela o ama muito para não se gloriar da sua posteridade. Ela a espera contente, na imaginação de que, imitando o seu preclaro progenitor, lhe servirá com ilustres feitos de honra. Mas esta glória não se pode medir nem equilibrar com aquela de ver premiada parte dos merecimentos do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal. O prazer que resulta à Pátria da sua longa posteridade nasce da esperança de que ela será sempre de heróis que, representando o seu alto progenitor, a beneficiarão. Ela é bem fundada, pois de heróis nascem sempre heróis. Mas quem, senhores, poderá jamais duvidar de que a nossa grande Mãe, a natureza, gasta séculos e cansa quando forma um completo herói, como o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal e que, para formar outro à sua semelhança, necessita de muitos séculos? Eu quero, porém, que a mesma natureza, em obséquio deste seu amado e benquisto filho, seja pródiga em produzir na sua descendência heróis semelhantes ao seu preclaríssimo progenitor.

Que benefícios poderão estes fazer à Pátria iguais aos que ele lhe tem feito?

Para felicidade da Nação, nada tem escapado à sua vigilância e que a sua sabedoria não tenha posto em execução. Os heróis da sua posteridade, quando pisarem a terra, não tendo já em que empregar-se em benefício da Pátria, terão só a felicidade de admirar as insígnies obras do seu grande progenitor.

Ah senhores! e se a Nação portuguesa, só por alongar a vista pela esperada posteridade e sucessão deste II.<sup>mo</sup> herói, por ele se enche de glória e prazer, que será tendo presente o objecto principal da sua felicidade e de que nasce e depende todo o prazer e glória?

Todos já sabeis que a Nação portuguesa é amante da Pátria e dos cidadãos que a servem e honram. Que a enroscada víbora da inveja não rói suas entranhas quando vê justamente premiados os merecimentos dos seus cidadãos. Entre eles houve Patri-

cios que, para se premiarem os merecimentos de outros que também serviram a Pátria, contentes se despojaram da grande parte de que a liberalíssima mão dos reis lhes tinha dado em prémio das suas heroicas acções. Se vos quereis persuadir desta verdade, lançai os olhos pela multidão dos séculos passados: vede esse herói, a honra da Nação, que com o seu valioso e robusto braço sustentou a coroa lusitana e a arrancou das garras do Leão, o grande, o famoso, o invencível Nuno, de quem a fama espalha e espalhará, no meio das vossas gerações, seu nome. Mas, para que quero persuadir-vos com exemplos, se esta verdade é incontestável. A Nação conhece que o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal a arrancara do meio da ignorância, da preguiça, da pobreza e do esquecimento e a elevara ao acume da grandeza, da polidez, da perfeição, para dizer tudo duma vez, da sua felicidade. A glória que lhe resulta de ver premiada parte destes merecimentos do seu benfeitor no seu II.<sup>mo</sup> Filho é natural e maior que nenhuma outra. Se ela com este objecto, o mais digno da sua alegria, se não transportasse duma glória e prazer incomparável, seria notada da feia mancha da ingratidão. E qual dos portugueses quererá padecer esta ignomínia? Se entre eles há algum (o que não creio) de quem sobre o coração malévolos tenha deramado o seu negro veneno a inveja e a ingratidão e, cego o entendimento, recuse abraçar a nossa alegria, risque o nome de português, aparte-se de entre nós para regiões bárbaras e incultas e deixe-nos gozar livremente do nosso prazer e glória.

### *Discurso*

*Em que se defende a 2.<sup>a</sup> parte do Problema, por Francisco da Silva Queirós e Vasconcelos.*

Servir de órgão à voz da Pátria quando esta quer exprimir sentimentos uniformes, é ocupação agradável e que faz venturoso a quem a exercita. Mas servir-lhe de intérprete quando os pareceres da Nação se não conformam; pesar as razões da diferença e

por um voto decisivo dar a uma parte a preferência, é difícil emprego, ofício trabalhoso e, não sei se diga, que arriscado. Este pois, ó ilustres académicos, este é aquele exercício em que vós me ocupastes, este, senhores, o meu destino. E serei eu capaz de medir a glória e o prazer da minha Nação? O merecimento dum patricio prudente sem frouxidão, resolute sem temeridade, constante sem teima, sábio sem presunção e em tudo grande sem vaidade e sem soberba? De um patricio a quem a Pátria deve mais que Roma nascente ao seu astuto e valoroso Horácio? Vós já sabeis de quem falo, não há outro com quem se confunda; do Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal. E poderei, vendo o nosso augusto monarca, o rei justo, o rei sensível, premiar em parte aquele grande homem, dando ao seu Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Filho o condado de Redinha; e vendo o consórcio deste com a Il.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Francisca da Silveira e a esperança que nos promete uma posteridade mais ampla e mais dilatada daquelle grande herói; poderei decidir em que interessa mais a glória e o prazer da Nação portuguesa, se é naquelle prémio, se é nesta esperança? Eu não tenho a eloquência de Demostenes, não tenho a filosofia dos Platões e tenho quem dispute e contradiga os meus discursos. Contudo, eu me valerei das razões que uma constante, ainda que funesta experiência, me administra. Eu mostrarei que a malévola inveja, filha indigna da fraqueza, não deixa dar ao merecimento as venerações que lhe devem; e que o amor, com que a natureza nos vai ligando de descendência em descendência, nos faz resultar um prazer indizível dos interesses da posteridade. As virtudes amáveis que são a base do merecimento, daquelle merecimento incomparável, a cuja sombra já o meu competidor se considera triunfante, essas mesmas virtudes servirão de apoio à verdade que vou proferir.

Vós, senhores, a amais e amais a quem a ama; e eu já vejo pender da minha boca as vossas atenções benignas. De todos os sentimentos do coração humano, nenhum parece ser-lhe mais natural que a inveja. O mundo logo na primeira idade experimentou os seus terríveis efeitos; viu-a empunhar na mão

bárbara e nefanda o instrumento inevitável da crua morte; viu-a descarregar o golpe fratricida e encher a toda a natureza de um horror até aí não conhecido. Ela nasce conosco; no mesmo berço se embala; e nutre-se daquele mesmo leite que nos sustenta. No feliz tempo dos nossos dias inocentes, ainda bem não podemos mover os fracos pés para firmar os passos, nem a língua balbuciante para articular palavras; ainda as nossas paixões estão ocultas, já a vil, impaciente inveja dá sinais de que nos domina o coração. Ainda não conhecemos inteiramente os objectos, ainda lhes não damos o seu valor verdadeiro, já nos enfada ver que outro lance mão deles; já isto nos penaliza de sorte que muitas vezes nos custa copiosas lágrimas. Ainda não estamos em estado de nos convencer a razão e já para nos inclinarem àquilo mesmo que a vontade recusa, fingem que outro o deseja, que o quer abraçar; e nós, que ainda não temos mais leis que as do gosto, faltamos a estas para obedecer à inveja. Tal é, senhores, a força quase invencível que tem sobre nós esta paixão maligna. Ela desde os nossos primeiros dias nos governa e a cega obediência que lhes damos faz hábito em nosso coração. A sua raiz é o excesso de amor próprio, que só a mão, a poderosa mão da sã filosofia pode arrancar.

Mas onde, senhores, onde haverá não digo um reino, não digo uma província nem uma cidade, mas uma pequena povoação cujos habitantes estudassem todos a ciência rara e dificultosa de conhecer-se cada um a si mesmo? Que se atrevessem a arrancar a tenaz e profunda raiz da pestilente inveja, para verem com prazer as virtudes e o merecimento alheio? Se vós o sabeis, dizei-mo, que quero ter o contentamento indisfvel de ir ouvir os cânticos de louvor que aí lhe entoam e os transportes de alegria com que, unicordes, repetem o grande Nome de Pombal.

Não há lugar a que eu não lance a vista que me não ofereça imagens gloriosas do incomparável merecimento deste varão insigne. Eu não o vejo estar assentado ao pé do trono, recebendo nos braços da vergonhosa ociosidade os prêmios de que se

coroam os trabalhos honrosos. O serviço do rei, o interesse do público, o bem do Estado, são os objectivos do seu desvelo incansável.

As armas que servem de defesa à Monarquia iam-se consumindo pela ferrugem gastadora no mole seio da paz; ele as faz manejar por um número muito maior de combatentes, debaixo da voz de chefes escolhidos. As praças que, ou pela sua ruína, ou pela sua irregularidade mal podiam resistir aos ataques dum assédio, são fortificadas pelos sequazes de Arquímedes. Lá nas oficinas de Vulcano retumbam continuamente os golpes do martelo; tudo está pronto; e os nossos bravos guerreiros, infundindo respeito às nações estranhas, as fazem conter no justo receio da desolação e da vingança.

Ele vê que os impérios, os reinos e as repúblicas então se fizeram mais respeitadas e mais poderosas, quando as suas frotas em maior abundância faziam gemer os vastos mares. Ferve o trabalho, saem do estaleiro soberbas naus; e não pára um só instante a manufactura das suas equipagens.

Suspíravam as artes e as ciências, suprimidas pela ignorância. O Fanatismo perverso e revoltoso tinha corrompido a moral sã e verdadeira. Estavam confundidos os limites do sacerdócio e do império. O escuro monstro da trapaça se idolatrava nos templos de Astrea; as caprichosas opiniões de doutores sofisticos não deixavam equilibrar a recta balança e os pleiteantes infelizes, cansados duma tão longa e contínua fadiga, perdiam muitas vezes a vida antes de se verem na desejada posse do que era seu. O poderoso comércio, se entrava em nossas terras, era só conduzido por mão estrangeira; e os nossos portos não viam sair os géneros do país em trocos que recebiam. Esta negociação cavilosa era uma aguda lanceta que rompia as veias do Estado e lhe esgotava o sangue das riquezas: enfim, o reino estava moribundo e precisava dum pronto e efficacíssimo remédio. Que faria o nosso herói no meio de tantos e tão importantes objectos? Terminaria o conhecimento a um só, como succede aos homens vulgares? Não, senhores; a sua vasta compreensão se estendeu a todos: dá nova forma aos estudos e

sólido fundamento ao comércio; faz distinguir o que é de Deus e o que é de César; bane os monstros da sedição; desterra os prejudiciais abusos do probabilidade fraudulento; e condena os inimigos de Themis ao negro cárcere do esquecimento e desprezo. Ah, senhores! que, para louvar dignamente todos os trabalhos desta empresa era necessário ter parte neles! Contemplai-o, meditando profundamente que as leis são os génios tutelares que vigiam sobre a Nação e trazem todos os talentos ao serviço do bem público, que enfreiam o poder dos grandes e protegem a fraqueza dos pequenos, que unem os povos aos reis e os reis aos povos. Vede-o discernir com um só golpe de vista todas as vantagens que promete uma lei e todos os abusos que nela mesma podem ter a sua origem; conceber todos os obstáculos que se podem opor ao seu efeito e acautelar todos os meios por que o podem iludir; observar os costumes, notar os prejuízos e ver a correlação que ela tem com as demais; calcular tudo com exacção e, finalmente, buscar um ponto fixo, onde o bem se estribe menos contrastado do mal.

E escapariam aos malignos olhos da maligna inveja tantos e tão virtuosos trabalhos? Eles têm o seu princípio no amor da Pátria e esta lhe deve ser agradecida, que o benefício pede o reconhecimento. Mas eu vejo a capital do mundo faltar a este para com o patricio mais benemérito; aquele que só com o valor do seu braço invicto, fazendo voltar atrás a vitória, que já lhe fugia, entra e abraza a mais forte e mais importante cidade do antigo Lácio; vence e destroça-lhe todo o exército dos aliados; e num só dia decide gloriosamente o destino da Pátria: os efeitos bárbaros da mais atuada inveja foram a recompensa de tanto valor e de tanto merecimento. Dali mesmo vejo sair queixoso aquele cônsul que igualou as suas virtudes à sua eloquência. Não se me esconde à vista aquele chanceler, luz da filosofia e honra da Inglaterra. França me propoem...

Mas para que? para que vos fatigo com a narração de exemplos que vós sabeis e todo o mundo vos oferece? Vós estais inteiramente convencidos de que o merecimento, à maneira do claro sol, que

atrai os vapores terrestres, leva após si a parda inveja. Vós, menos pelo que eu disse que pelos testemunhos inegáveis, que em todos os lugares se vos descobrem, conheceis o grande e incomparável merecimento do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal; vede agora, contemplai, medi a grandeza da inveja com que será visto. Mas esperai, Senhores, esperai, que eu não quero denegrir a glória da minha Nação. Eu sei que ela excede em virtude a todas as mais; que ama fiel ao seu monarca, sobre quem parece que a natureza quis mostrar quanto podia; que alegre respeita em todas as suas acções a própria imagem da Justiça e que mede as virtudes e o merecimento do insigne vassallo pelo favor do sábio e justo soberano. Sim, amada Nação, tu és em tudo illustre, em tudo grande; os génios que te presidem são aqueles mesmos que presidiram sempre nos séculos de heroicidade. Se o merecimento do admirável herói, que na parte dos mercedos prémios que hoje alcança te enche de glória e prazer, fôra imitável, tu sòmente serias capaz de nutrir no honrado peito a virtuosa emulação e não a inveja abominável. Já contemplo a extensão do gosto com que olhas para o título de Conde da Redinha, que no digno filho mostra o merecimento do virtuoso pai. Porém, dize tu mesma se o feliz consórcio, que hoje te promete uma larga descendência de heróis, imitadores do seu grande Avô, te não oferece nesta esperança o maior e o mais perfeito objecto do teu prazer e glória? Quem o poderia duvidar? Se algum há, contemple os efeitos da natureza; lance mão das experiências, que continuamente está vendo e conhecerá ser esta verdade inegável. Veja, indague, medite a extensão do amor próprio, que não se satisfazendo em nós mesmos, busca na nossa descendência um objecto mais amplo: a nossa vida lhe propõe um termo limitado e ele quer passar além da morte. Embarca-se o afoito navegante entre-gue ao furor do rijo vento e à braveza das encapeladas ondas; sofre a consumidora fome e a sede ardente por ir atrás da riqueza, que as mais das vezes lhe chega quando lhe foge a vida já cansada de esperá-la. Marcha o intrépido guerreiro ao

rouco som do bélico instrumento, afronta os perigos da guerra sanguinosa e encara com a mesma morte só a fim de alcançar o prémio que muitas vezes se concede quando ou já não existe, ou mal se pode sustentar o valeroso braço, que o ganhou. Com a mão calejada, mas já trémula, planta o decrépito agricultor, exposto ao frio do inverno enregelado, e enxerta, sofrendo a calma do estio ardente, aquelas árvores, de que já não espera colher fruto. E donde provém esta paixão despresadora da vida, esta paixão benéfica, que abraça constante os trabalhos cujo proveito há-de ser alheio, senão do amor próprio, daquele amor que, não tendo limites, se estende, se dilata e nos vai ligando de descendência em descendência? A suave esperança de que hão-de gozar o prémio das nossas fadigas esses vindouros, que nós amamos ternamente como uma porção de nós mesmos, saboreia todos os males que sofremos. O peso dos trabalhos, o susto dos perigos e o mesmo horror da morte nos são deleitosos se os medimos com o prazer indisível que nos dão os interesses da posteridade. A mãe do incendiador da Pátria, desse monstro de crueldade e de torpeza, achou menos amável o bem precioso da sua vida que a esperança lisonjeira de ver seu filho entronizado. Nós nos alegramos, vendo premiado o nosso benfeitor; os benefícios que lhe deve a Pátria são as riquezas e os tesouros que desejamos transmitir à posteridade; se nos faltasse a esperança de serem seus ilustres descendentes quem conservasse aquela preciosidade entre os nossos vindouros, seria hoje completo o nosso prazer? Ninguém o dirá!

A natureza pôs a todas as suas produções um termo impreterível, o que tem princípio tem fim. Só o Ente soberano e Criador é eterno, tudo o mais é mortal. Daqui vem que estamos na posse da felicidade e já o receio de perdê-la nos assusta e nos desgosta. Tudo o que é mais precioso se nos finge duma duração tão breve que o susto de o perder é inseparável do nosso cuidado. O prémio que vemos dar à parte do merecimento do II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquês de Pombal entre a glória e o prazer de que nos enche, nos faz lembrar do muito que a

Nação interessa na sua tão preciosa e tão necessária vida (o Céu a abençoe, o Céu a dilate!). E não recaremos perdê-la? Este susto não perturbará o nosso contentamento. A doce esperança de que este grande Homem deixará aos seus ilustres descendentes, como uma parte de si mesmo, com a glória do seu nome, a rica herança das suas virtudes, nos promete que os nossos vindouros herdarão também os benefícios que possuímos; assim se satisfaz o amor que temos à posteridade; assim se contempla a glória e o prazer, que dos seus interesses nos resulta. Oh, prazer indisível! Oh, glória incomparável! Eu julgo ouvir a tua voz suave, proferida por aqueles que, pondo em ti os olhos, vizinhos àquela escura noute, que dura eternamente, clamam gostosos: vem ó cruel Morte, descarrega o teu golpe inevitável, arranca-nos do seio da felicidade que a Pátria fica logrando, que nós levamos a consolação excessiva de ver que os nossos vindouros também gozarão dela. Eles verão na larga e amável descendência do virtuoso Daun reproduzidas todas as virtudes de seu grande Pai. Eles hão-de ir de geração em geração colhendo os frutos daquelas árvores benéficas que plantou este herói e hão-de conservar cuidadosos os seus descendentes dignos do seu imortal nome. Tu não podes acabar conosco este sem igual contentamento; e a longa posteridade, desafrontada do peso que sente nossa fraqueza em tudo o que é grande, conhecerá de todo o singular merecimento do varão insigne, varão admirável, que beneficia a Pátria, honra a Nação, imortaliza e faz amável o nome de Pombal; ela, então, possuirá este prazer, esta glória, na sua maior perfeição. Oh, ilustres, virtuosos e beneméritos Esposos! vivei contentes: o céu, que ama a virtude, abençoa o vosso consórcio e vos assegura aquela ampla e dilatada progénie de heróis que faz hoje o principal objecto do nosso prazer e glória.

*Epitalâmio*

*Aos Il.mos e Ex.mos Srs. Condes da Redinha*

por

*José de S. Bernardino Botelho, Reitor de Celeiros*

Pátria! Voa comigo; ao Templo iremos  
Da sagrada, imortal Posteridade;  
Prender em doces vínculos veremos  
Ali Daun e Silveira a Liberdade:  
Portentos cantarão de Amor e glória  
Conosco as gratas Filhas da Memória.

Entre os Orbes diversos, atraídos  
Pelo centro comum, junto ao Sol gira  
Um globo transparente; dos sentidos  
A Luz imensa e próxima o retira.  
Nele um templo vastíssimo a divina  
Mão formou de matéria cristalina.

Sobre um trono incorrupto de diamante  
Ali reina uma deusa protectora  
Dos Génios benfeitores; tem constante  
Na mão fiel balança; aos pés deixa  
Seu próprio coração, desesperada,  
A venenosa Inveja desarmada.

Espelho milagroso ali se offrece  
Onde as grandes acções, logo que obradas,  
Sem falso adorno a deusa reconhece;  
Por ela justamente são pesadas;  
Da balança as recebem musas belas,  
Que, para as premiar, se entregam delas.

Umás dão vida às cores, sobre o jaspe  
Outra faz renascer feitos honrosos;  
Em bronze vive o Rei que amou Campaspe,  
Augusto e José grande, heróis gloriosos.  
Mil outros de imortal merecimento  
São dos muros sagrados ornamento.

Há muito que do Alcides lusitano  
Sòmente nas empresas trabalhavam;  
Uma debuxa o plácido Oceano,  
Que os nossos lenhos grávidos cruzavam;  
Novos Jazons carregam velos de ouro  
E em riquezas trasborda o Tejo e Douro.

Noutra parte se vêm restituídos  
Temis, Marte e Minerva, o Rei cercavam,  
Que altares lhes levanta: outros erguidos  
A Ceres mostra a tela e lhe ondeavam  
Em roda nas campinas dilatadas  
De loiro trigo espigas carregadas.

Lízia em terra jaz amortecida  
Mais além; novo Ulisses a levanta;  
Forte, ornada, gentil, tornando à vida,  
A ninfa, de Pombal o nome canta;  
Pelos ecos e Povos repetido,  
É nos Polos com glória e pasmo ouvido.

As estátuas, que as Musas dão formadas,  
Se a Terra deixa o herói, que representam,  
Respiram logo súbito animadas;  
Nelas os seus Protótipos se alentam,  
E formam, sem temer mortalidade,  
A corte à tutelar Posteridade.

Ali, sem dissensão nem zelo adoram  
Muitos, que em mortal vida competiram;  
No centro da união, da glória moram;  
Amados mutuamente ali se admiram,  
Quando a nobre Calíope levanta  
A voz, e as acções desses ou doutros canta.

Se dos seus descendentes pinta a glória  
O sagrado cristal, a Deusa explica,  
Aos Heróis, que interessa a grata história,  
Que os eternos prazeres lhes duplica.  
Nele vê de Himeneu na pira o fogo,  
Em que dois corações se abraçam logo.

As Virtudes, a Glória os conduziam;  
Os Amores a chama fomentavam;  
As Graças com mil flores os prendiam;  
Os Prazeres e os Risos os cercavam;  
O génio da Nação segue-os cantando,  
Profecias com votos misturando.

A Deusa os reconhece, porque os ama  
E dos Heróis, que a cercam, os Ascendentes  
Dos Esposos fiéis convoca e chama  
Para mostrar-lhes os gratos Descendentes.  
Os semi-deuses chegam, que escutavam  
Dois Nomes em que os seus se eternizavam.

Uns vestem-se de belos arnezes,  
Outros Púrpura ou Toga; ao colo honrado  
Trás Egas os grilhões, que os Portugueses  
Livram; lança inda trás Giraldo ousado;  
Do Tejo e do Danúbio se abraçavam  
Muitos, que os nobres vínculos ligavam.

De pérolas te viram coroada  
Pelo rei, que no Filho o Pai premeia,  
A frente, ó novo conde; a Esposa amada  
Coroada é por ti, de glória é cheia.  
Amor vossas coroas duplicava  
E as pérolas com mirtos enlaçava.

O risonho Himeneu nos braços leva  
Ao trono os dois esposos; mil Disvelos  
Os seguem; logo o Deus manda se escreva  
No Livro de Ouro seus nomes belos:  
O popular concurso, que os cercava,  
Viva Daun e Silveira aos céus bradava.

O grande Condestável a guerreira  
Voz, de Espanha terror, solta gostoso,  
Vendo na amabilíssima Silveira  
O sangue heróico seu. «Ó glorioso  
Desposório!» Os heróis que o rodeavam  
Com semblantes atentos o escutavam.

«Eu salvei Portugal; forte e prudente,  
«Pombal o iluminou: hoje, enlaçada  
«A nossa Descendência, que excelente  
«Geração brotará dos Céus amada!»  
Assim falava; e as Musas, que isto ouviram,  
Ao som das cordas de ouro o repetiram.

*Epitalâmio ao mesmo assunto*

por

*Francisco da Silva Queirós*

Cansado estava Amor de ouvir as queixas,  
Que formavam contra ele a todo o instante;  
Uns chamavam mortais às suas flechas,  
Outros breve o seu bem, seu mal constante;  
Cego, cruel, traidor este o nomeia,  
E aquele ao som suspira da cadeia.

Quis provar se mudava de ventura,  
Por terra lança o arco e passadores;  
Pára o trabalho, cessa a força dura,  
Que em forjar setas punham os amores;  
Na chama o ouro e chumbo já não ferve  
Nem o licor em que os temperam serve.

Louro e crespo o cabelo solto ao vento  
No colo e ígneos ombros lhe ondeava;  
As asas move; esquece o antigo assento,  
E como a exalação o ar cortava;  
Em vão a terna Mãe por ele chama,  
Em vão suspira e lágrimas derrama.

Guardava na lembrança inda intactas  
As suaves prisões com que o ligara  
Das Musas o poder, prisões tão gratas,  
Que o ser livre por elas despresara:  
As sábias Ninfas busca na esperança  
De ver se iguais prisões formar alcança.

Qual a águia veloz, que o voo erguendo  
Corta o delgado ar com ligeireza  
E lá de cima os olhos estendendo  
Observa se aparece em baixo a presa,  
Tal Amor, sobre as nuvens remontando,  
Vê se das musas vê o coro amado.

À região de Acaia os olhos lança;  
Vendo o Parnaso e não as musas belas,  
Suspira aflito e de as buscar não cansa;  
Para Beócia olhou, não deu fé delas;  
A Etolia volta a vista de repente,  
Que alonga por ali té o Ocidente.

Lá onde a terra acaba e o mar começa,  
Soberbo das auríferas areias,  
Que o Tejo lhe oferece; onde a cabeça  
Levanta a Lízia augusta entre as ameias,  
Que o bélico Ginete lá tanto inveja  
O Elefante, o Leão e a Onça beja;

Ali se tinham elas acolhido  
Dos insultos e estragos que fazia  
O mau gosto da ignavia protegido.  
O raio abrasador não alumia  
As nuvens mais veloz que Amor voara  
As Musas vendo; e ao seu lado pára.

À sombra ali do trono magestoso  
Do soberano rei elas estavam;  
E de José o nome precioso  
Umás com letras de ouro debuxavam  
Enquanto as mais, cantando a sua glória,  
Ornam de novo o Templo da Memória.

«Eu sou o deus do Amor ó Musas belas!  
 «(Lhes diz) das armas venho despojado;  
 «Não tendes que temer, deixai cautelas,  
 «Já não sou o que fui; estou mudado.  
 «Cansei de ouvir os míseros humanos  
 «Com suspiros clamar contra meus danos.

«Quero aprender de vós a formar laços;  
 «Eu já lhes experimentei a suavidade:  
 «Para neles prender os fortes braços  
 «A mim virá contente a Liberdade.  
 «E os que foram suspiros de amargura,  
 «O serão de prazer e de ternura.

Não cessava de instar no brando rogo,  
 Anciosa e ternamente suspirando;  
 E os olhos em lugar de vivo fogo  
 Estão algumas lágrimas lançando.  
 «Fazei-me o que vos peço (ele dizia)  
 «E os humanos livrai da tirania.

Satisfeitas as Musas atendiam  
 Às súplicas de Amor. «Hinos cantemos  
 «Ao sempiterno Jove (elas diziam)  
 «Já da clara razão os raios vemos  
 «Dissipar a cegueira da vontade,  
 «Como a névoa do sol a claridade.

«Suaves teus grillhões serão desde hoje,  
 «O exemplo te daremos de os formares:  
 «Nenhum peito receies que se enoje  
 «Quando as tuas cadeias lhe lançaes.  
 «Tu hás-de ser de todos tão amado  
 «Quanto até agora foste receado.

«Aquele herói (lhe dizem apontando  
 «Para o degrau, que dá ao trono assento)  
 «A quem por sua mão está c'roando  
 «De glória o imortal Merecimento,  
 «No serviço do rei fiel vassalo  
 «Firme coluna, que não sente abalo;

«Esse é de Minerva mais amado,  
 «Que o astuto filho de Laertes,  
 «É... Mas Amor, que os olhos desvendados  
 «Tinha e pela razão menos inertes:  
 «Já sei quem é, nem outro ser podia,  
 «É Pombal, o Gram Marquês, dizia.

«Deste, pois, deste herói (Elas lhe tornam)  
 «Um Filho ilustre vive em Liberdade;  
 «Nos Santos laços, que a Himeneu adornam,  
 «O Pai lhe quer prender a sã vontade;  
 «Buscou-lhe esposa de virtudes cheia;  
 «Ele a iguala; feliz, doce cadeia.

«Os teus grilhões, se neles se não imprimem  
 «As formosas imagens da virtude,  
 «São pesados, crueis, ferem, oprimem;  
 «A torpe, iníqua mão do vício rude  
 «Envenena as paixões do peito humano;  
 «E o apelido te gravam de tirano.

«Procura corações à semelhança  
 «Do que José no ilustre peito encobre;  
 «Do da bela Francisca, onde descansa  
 «Um génio singular, uma alma nobre;  
 «Procura e teus farpões ali cravados,  
 «Suaves se farão, far-se-ão amados.

«Voa, pois, a colher as belas flores  
 «Que nos campos de Marte e de Minerva  
 «Cultivaram constantes seus Maiores.  
 «Inda frescas estão, porque as preserva  
 «Do incansável, voraz, ímpio instrumento  
 «A dextra do imortal Merecimento.

«O nome ilustre de Carvalho e Melo  
 «Nas belas flores acharás gravado;  
 «Também o de Faria, que em desvelo  
 «Posto da Fama tem o áureo brado;  
 «Ouvindo-o ainda estás, Curia Romana!  
 «E tu, risonha Atenas Lusitana!

«Colhe as flores; depois, delas ornando  
 «Teus laços, uma seta se tempere  
 «Em o licor das outras mergulhando,  
 «Da formosa Francisca o peito fere,  
 «Dizendo-lhe que o seu esposo amado  
 «Ser cultor destas flores tem herdado.

«Daquelas em que for escrito o nome  
 «O respeitado nome de Silveira,  
 «Que na Ásia, África, Europa não consome  
 «Do esquecimento a sórdida poeira,  
 «Nome que no Parnaso escrito temos  
 «E os brandos versos seus, que entre nós lemos.

«Destas, pois e daquelas, em que escritas  
 «Forem as letras dos . . . porém espera;  
 «Para a Daun render não necessitas  
 «De compor teus farpões; peito de cera  
 «Lhe declararás, ao dizer, que a bela esposa  
 «Foi de seu pai escolha preciosa.

«Voa Amor, a ligar os nobres peitos,  
 «Dos consortes, enquanto nós louvando  
 «O justo rei ficamos, que honra os feitos  
 «Do insigne marquês, ao filho dando,  
 «Para glória maior do casamento,  
 «Do título de Conde o ornamento.

«Enquanto nós às ásperas fadigas  
 «Que para entrar da glória o árduo Templo,  
 «Sofreram seus avós, doces cantigas  
 «Comporemos dos netos para exemplo;  
 «E, para o brando sono lhe chamarmos  
 «Quando em dourado berço os embalarmos».

Calam-se as musas; logo o Amor batendo,  
 Qual borboleta ornada com mil cores,  
 As leves, sutis azas, vai colhendo  
 As mencionadas graciosas flores;  
 Voa com elas, onde a Mãe querida  
 Suspirava por ele, enternecida.

Referiu-lhe fiel quanto passara;  
 Manda o ouro melhor que se derreta;  
 E pela sua própria mão prepara  
 Uma suave, mas aguda seta;  
 Das flores no licor é temperada  
 E uma cadeia de outras é formada.

Com estas armas, pois, torna voando  
 Do largo Tejo a demandar a praia.  
 Já de Silveira fere o peito brando,  
 Já de Daun por ela se desmaia;  
 Já no ardor, que até li nenhum sentira  
 Um por outro fiel, terno, suspira.

Contente Amor da glória que alcançara,  
 Grita — já satisfis o meu desejo;  
 Ouvindo a terna voz as águas pára,  
 Transportado em prazer, o pátrio Tejo;  
 Proteo, que a ouviu no centro cristalino,  
 Ao consórcio augurou feliz destino.

*Epitalâmio ao mesmo assunto,*

por

*António da Cunha Rola Pereira Sampaio.*

Chega o caso feliz em que a Silveira  
Enlaça o tronco dum Carvalho adulto;  
E a sagrada Virgulta a coroa tece  
À sacra rama, que coroou a Augusto.

Quando Deus se dignou fazer-se visto  
Dos olhos de Moisés, sobre um arbusto  
De silvas pôs seu trono e desta escolha  
A Silveira ficou por fausto anúncio.

Foi consagrada a Jove fulminante  
A Coma ilustre do Carvalho duro,  
Como símbolo só da Fortaleza  
Das plantas todas no geral concurso.

Os antigos heróis dependuravam  
Nos Dodoneos Carvalhos seus escudos,  
Dali os tomavam com sagrado rito,  
Como agouro fiel dos seus triunfos.

Mil timbres vejo agora pendurados  
Da antiga Rama de um Carvalho luzo;  
Uns são pátrios os outros peregrinos;  
Muitos do Tejo, muitos do Danúbio.

Aqui se vê da Stíria o Estema antigo,  
Acolá de Áustria o signo sempre agosto,  
Da Carníola, Tírol e da Caríntia  
Os braços divididos por seu turno.

Daquela parte a gótica ascendência  
Na rompente divisa bem descubro  
Desta emblemas de Príncipes sublimes,  
Tão mais preciosos quanto mais confusos.

Os timbres de Aragão, ou de Navarra,  
E os que foram de Leão nobre transunto,  
Ali por arte de himeneu sagrado  
Agora se descobrem todos juntos.

Ó Árvore de Heróis de excelso nome  
De cujos ramos pendem tantos bustos,  
Que não cabem nos pórticos sublimes,  
Que a fama levanta aos seus alunos!

Ó Árvore gentil, antiga e forte,  
Cuja altura medir eu não presumo,  
Pois te vejo tocar no Olimpo a fronte  
Mais felizmente do que viu Nabuco!

Árvore digna de respeito grande,  
Árvore digna de imortais tributos,  
Que tanta glória dás à Monarquia  
E tanta admiração causas ao mundo!

À sombra, pois, desta árvore frondosa  
Vivemos descansados e seguros,  
Sem mais temer da tempestade os danos  
Por mais que Euro sopra furibundo.

O Tejo ufano, com semblante alegre,  
Sacudindo da barba o verde musgo,  
E levantando a grávida cabeça,  
Desta sorte é que fala ao pai Neptuno:

Antigo rei das águas, cujo império  
Modera o salso abismo, o mar profundo,  
E a cujas vozes obedecem prontos  
Os Focas, os Tritões com armento mudo;

Bem lembrado hás-de estar do verso alegre  
Que em fatídico som cantou Vertumno,  
Eu o conservo fixo na memória  
Porque com ele me interesse muito.

Quando o céu conceder à Terra, disse,  
Nas partes do Ocidente o rei mais justo,  
Então produzirá uma Silveira  
De um Carvalho mui alto heróis por fruto.

Isto disse cantando o antigo vate  
Na Cova de Carpathio; e eu te seguro  
Que está chegada a época ditosa,  
Que Proteo figurou neste debuxo.

Está chegada, porque reina o Grande,  
O Justo reina (é seu este atributo)  
E eleva unindo os dois augustos Ramos  
Porque deles germinem novos súrculos.

As nobres plantas, com seus próprios nomes  
Descritas no profético rascunho,  
São Francisca e José, que hoje se enlaçam  
Em grande altura com feliz conjugio.

Os magníficos condés da Redinha  
 (A quem nomeio com respeito sumo)  
 Erectos novamente e desposados,  
 São de aplauso maior mais digno assunto.

A voz do Tejo o Pai Neptuno atende  
 E manda logo que um Tritão robusto  
 Nos quatro cantos do humido palácio  
 Aplique ao beicho o retorcido búzio.

Ouviu este sinal o Guadiana,  
 O Monda, o Douro, o Minho e o Ganges turvo;  
 E as ninfas do Vizela, que o percebem,  
 Se abraçaram com plácido murmúrio.

Acode o mundo equóreo a toda a pressa  
 Deusas, sereias, naiades e tudo;  
 E rodeando o palácio de Anfitrite,  
 Epitalâmios mil cantam jocundos.

Aparece Neptuno e promulgando  
 Solene gozo em todo o mar cerúleo,  
 As portas se abrem de cristal vedadas,  
 E dá princípio ao mais brilhante culto.

*Epitalâmio ao mesmo assunto,*

por

*Francisco Joaquim Moreira de Sá, Secretário da Academia.*

Um dia, a nossa história contemplando,  
 Em séculos heróicos correr via;  
 Quinhentos e quarenta \* vão chegando.  
 Qual noute amortalhando a luz do dia,  
 Tudo transforma, tudo vai mudando  
 Nuvem de Sfinges, que do pó nascia;  
 Dois séculos gemeu a heróicidade  
 Calcada aos pés da bárbara maldade.

---

(\*) Em 1540 é que entraram os denominados jesuítas neste reino.

Que génio superior eu vejo  
 Ó clara Pátria, dentre as pavorosas  
 Sombras erguer-se altivo? O meu desejo  
 Farta-se de prazer, as venturosas  
 Épocas dos romanos não invejo;  
 Para ti nos meus dias mais gloriosas  
 Acções, que a voz da fama então cantara,  
 Lá junto ao rei, Carvalho te prepara.

Lanço os olhos aos sólidos projectos  
 Vejo-os executados; as ciências,  
 Artes, a tropa, tudo são objectos  
 De pasmo, admiração; as providências...  
 Mas aqui fico absorto, circumspectos  
 Pensamentos me cercam, que influências  
 Te inspiram, disse! quando interrompido  
 Me vi dum sono, caio amortecido.

Vejo um Numen em sonhos a meu lado,  
 À cinta trás pendente cortadora  
 Espada; a morte afronta, expõe-se ousado  
 A lidas e trabalhos, pois adora  
 Mais do que o próprio ser o ser do Estado,  
 Porque dele e da glória filho fôra,  
 Chama-se Amor da Pátria, a voz erguia,  
 Pela mão me conduz; e assim dizia:

«Tu, que observas contente as venturosas  
 «Providências, os fortes fundamentos,  
 «Que erguem o luso sobre as mais gloriosas  
 «Nações, em prémio desses sentimentos  
 «Que te honram, vem comigo; mil ditosas  
 «Predições ouvirás, verás portentos  
 «Dos destinos nas páginas vedadas  
 «Onde as leis do futuro estão gravadas.

Falava, quando ornado, luminoso  
 Templo a meus olhos vejo ali patente;  
 Sobe o Numen ao trono magestoso;  
 Ele era o tutelar; continuamente  
 Louvavam seu talento portentoso  
 E a Lealdade e o valor ardente;  
 Heróis que ali se estavam educando  
 Se vão da lei da morte libertando.

José Grande, no trono além se via;  
 Pombal, ilustre, sábio e respeitável  
 Rodeado de lidas o servia;  
 A balança de Astrea, recta, amável,  
 Das mãos robustas e alvas lhe pendia,  
 Ouço a seus pés bradar a abominável  
 Hipocrisia, a inveja, de jeolhos,  
 Fogo lançava dos torcidos olhos.

O rei, que tais serviços contemplava  
 Honras devidas a Pombal fazia:  
 Triste, a Posteridade ali chorava  
 Porque do herói lhe faltava a varonia;  
 Varonia que, aflita, aos céus rogava  
 Lusitânia coberta de agonia,  
 Com a bôca na terra, as mãos erguidas,  
 Quasi co'as esperanças já perdidas.

Toma o Sacro Himeneu a grande empreza  
 De unir Silveira bela a Daun ditoso;  
 As virtudes e os dons da Natureza  
 Adornaram o laço venturoso:  
 O rei, usando de real grandeza,  
 Entregou a Pombal decreto honroso,  
 E ausenta-se dali, porque o dever  
 O excelso não reprima do prazer.

Conduzia Himeneu, co'a tocha ardente,  
 Daun a beijar a mão ao Pai honrado;  
 Vinha-se toda em pejo convertendo  
 Silveira pela mão do esposo amado;  
 As graças a cercavam; e prendendo  
 Os vinha Amor; e o seu farpão dourado,  
 Inda tinto de sangue, então lhe vira  
 De quando os ternos peitos lhe ferira.

O Templo se transporta, que a alegria  
 Vi de Pombal no gesto respeitável!  
 A dar-lhe os parabens ali corria  
 Uma turba de heróis; ao Condestável  
 Contento abraça o imortal Faria;  
 Ambos Egas abraça incansável  
 De Tunes grita o forte general\*:  
 «Viva a glória de todos, que é Pombal».

---

(\*) António de Saldanha 5.º Avô do II.º e Ex.º Sr. Morgado de Oliveira.

Muitos outros heróis ali corriam;  
 Já do Danúbio mil desembarcavam,  
 E aquelas mesmas vozes repetiam;  
 Também os do alto Drave ali chegavam,  
 Quando os cegos Destinos, que serviam  
 Ao Sacro Amor da Pátria, ajoelhavam  
 À Pombal e o segredo sempre escuro  
 Decifrar vão nos livros do futuro.

Todos estes heróis e aqueles entes  
 Que o Templo em semi-deuses habitavam,  
 Transportados, alegres e contentes,  
 Ouvir faustos anúncios esperavam;  
 Mas lá bate nas portas refulgentes  
 Mercúrio; os duros golpes inculcavam  
 A importância da pressa com que vinha,  
 Quanto lhe custa o estorvo que o detinha.

Abrem-se as dórias portas e o ligeiro  
 Filho do grande Jove assim falava:  
 «Todos sabeis que sou o mensageiro  
 «De Júpiter potente; ele que estava  
 «De Apolo ouvindo o canto lisonjeiro  
 «Com que de Daun as núpcias celebrava,  
 «Sabendo desta que é desordem cega  
 «Voando a vós me envia e as leis me entrega.

«Cegos, loucos Destinos que imprudentes  
 «Perdíeis atributos respeitáveis,  
 «Fazendo do futuro as leis patentes,  
 «Esses livros fechai impenetráveis;  
 «Sereis, passando avante, delinquentes  
 «E a Júpiter sagrado responsáveis;  
 «Se a favor do prazer dos lusitanos  
 «Esta lei se quebranta, ai dos humanos!

«Para apreciar o gosto, que banhando  
 «Está seus peitos, basta que a Razão  
 «Dos livros da Esp'riência vá ditando,  
 «Que as águias são das águias geração;  
 «É assim os netos de Pombal mostrando  
 «Nesses vindouros séculos irão  
 «Nos talentos, lealdade e nos projectos  
 «Que são de tal Avô os dignos netos.

Acabou de falar; e ressoavam  
 Os ecos nas abóbadas do templo;  
 Ao estrépito os sonhos me deixavam;  
 De todo acordo, nas visões contemplo,  
 Interrompem-se as musas que cantavam  
 Ao som da lira de ouro; e a seu exemplo  
 Se entoa em toda a terra e mar profundo  
 O canto mais canoro e mais jocundo.

*Ao mesmo assunto:*

*Oitavas, por Albino de Sousa Coelho.*

Toque nas margens do soberbo Xanto  
A trompa de Calfope o que entende  
Que celebrando o assédio, o horror, o espanto,  
Nos peitos fortes o valor acende.  
De duas almas belas como eu canto  
O dourado grilhão que as une e prende;  
Amor, o casto Amor, que só me inspira  
Me anima os sons e me encordoia a lira.

Na pura e inextinguível chama ardente  
A tocha acende, oh! Himeneu sagrado,  
Sobre as azas dos ventos diligente  
Vem de purpúreas rosas coroado  
No Tálamo fecundo eternamente  
Será teu casto nome respeitado;  
Porque o laço feliz se não desuna,  
Amor o forma, aperta-o a Fortuna.

Dos brancos cisnes que as estrelas de ouro  
Trazem nos peitos, ouço pelos ares  
Soar o canto e tão ditoso agouro  
De prazer enche a terra e os vastos mares  
A imarcescível palma, o verde louro  
Crescem para adornar quantos altares  
Erigindo já vai nosso desejo  
Na larga foz do cristalino Tejo.

Feliz consorte, afortunada esposa,  
A Pátria justamente em vós tem posto  
Sua doce esperança; ela ditosa  
Verá por vós sempre à Fortuna o rosto  
A vossa descendência numerosa  
Desejam todos ver cheios de gosto,  
Pois sabem quantos esta vida esperam  
Que dos grandes heróis, heróis se geram.

Tu, esposa imortal, contente um dia  
Da memória verás no eterno templo  
As tuas porções de alma; esta alegria  
Explicar não sei eu, bem que a contemplo,  
Já na dourada paz, na guerra ímpia,  
Os teus maiores serviram de exemplo  
À mesma descendência, ilustre e bela,  
Por quem suspira a Pátria e se desvela.

Sem irmos revolver da antiga História  
 As volumosas páginas aonde  
 Na África e na Ásia a imortal glória  
 De teus avós ilustres nos responde ;  
 Sem passarmos à Roma, onde é notória  
 E em todo o extenso Mundo, excelso conde,  
 Fortíssimos Atlantes da Coroa  
 Vemos hoje na Áustria e em Lisboa.

Teu grande pai, aquele génio raro  
 Que igual ainda não viu nosso hemisfério,  
 Aquele grande génio que reparo  
 Em tudo foi deste cadente império ;  
 Este homem imortal, o nosso amparo,  
 O que afastou de nós, com vitupério,  
 Quem podia empestear-nos, só bastara  
 Para fazer esta Ascendência rara.

Alma feliz, recebe o prémio honroso  
 Da régia mão do teu monarca augusto.  
 Entra de Amor no templo e ali ditoso  
 Seus estimáveis dons goza sem susto.  
 Tu, brilhante Himeneu, desce gostoso  
 E cheio dum prazer devido e justo  
 Das duas almas uma alma forma  
 Estes dois corações num só transforma.

Pro connubiali felicitate quam in possessione participant II.<sup>mus</sup> et Ex.<sup>mus</sup> Dominus Comes de Redinha et Domina Comitissa Quidem uxor.

*Encomiastes*

Quo feror exultans? animum quis tollit in altum?  
 Quae nova laetitiam cordibus aura parat!  
 Quis novis in Lisiae campis nunc fulgurat Aether  
 Solis in orbiculo et quod decus axemicat?  
 In pratis Mayor quis nunc scintillat Eóus  
 Quae radians monstrat vivida stella Polo?  
 Quam video in Silvis viridem frondescere Quercum?  
 Talis ad auspicium florida vaticinat.  
 Hoc licet eximium dubium difundat incertus  
 Simerita inspiciam parvula signa noto  
 Illa Sebasteidos fulget nitidissima Proles,  
 Iosephus quae comes cuncta meretur ovans  
 Aura nova est Domui qua praesidet ille recente  
 Talibus auspiciis haec Domus alta petet.

Hic Patris est Phaeton, fietque Dynasta Polorum  
Est oriens splendor, cur novus aether adest.  
Stella erit at Prolem rutilo signanda lapillo  
Hic diadematus spes erit improceres  
Connubialis amor sparget mayora futuris,  
Et facient Nati condecorare Patres.  
Plaudite Lusiadae comitum tot parta triumphis  
Tot decoris cumulos condecorate notis.  
Quam bene Palladium Lisiae Josephe parasti?  
Quae Francisca tuis splendiora ligas?  
Vos ergo, o' cives, faciles date gaudibus aures  
Dum merita exultans inclyta Fama refert  
Pandere, quae vobis debet, mea musa recusat  
Ingenium majus tunc meliosa canet.  
Conjugium felix, comites, retinete per annos  
Nestoris ut superent posteritate dies.  
Vos salvete Novi Comites a Rege creati  
Pro meritis donum Marchionatus erit  
Parcite, jam taceo, mea nunc reverentia fallit  
Non verba, ast cordis nunc mea vota sonant.  
In felici conjugio canebat  
Antonius de Sousa Coelho de Almeida  
Portuvmarenensis Bacchalaureus.

( Continua )